

## 13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

# HISTÓRIA

### CRONISTAS E SEUS RELATOS SOBRE A AMÉRICA PORTUGUESA NO PERÍODO FILIPINO

Carlos Eduardo Maroja Jaccoud<sup>1</sup> (PIBIC-CNPQ); Profª Drª Maria Isabel de Siqueira<sup>1</sup> (orientadora).

1 ) Departamento de História; Centro de Ciências Humanas; Escola de História; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Apoio Financeiro: CNPq.

Palavras-chave: Riquezas naturais; viajantes; comércio ultramarino.

#### INTRODUÇÃO

François Pyrard de Laval, cronista francês que chegou a Bahia de Todos os Santos em 1610, fez extensos relatos sobre as riquezas naturais encontradas em sua viagem, além de mencionar um possível descaminho de óleo de baleia, importante recurso natural da época, por um francês naturalizado espanhol chamado Julião Miguel. Laval vai, em seu diário, relatar ter vivenciado um conflito armado entre os Países Baixos e o Império Português na proximidade das Índias Orientais, além de também mencionar uma gradativa perda, por parte dos portugueses, de feitorias estabelecidas na costa ocidental da África e na Ásia. Nos baseamos na obra<sup>1</sup> do autor Charles Boxer para entender as razões<sup>2</sup> do conflito que estava se desenrolando entre Portugal e a Holanda, graças a formação da União Ibérica que havia ocorrido ainda no final do século XVI. Para entender as influências da União Ibérica na economia e política portuguesa, buscamos o autor John Elliot<sup>3</sup>, que afirma que a União Ibérica não foi uma imposição espanhola em relação a Portugal, mas sim a união de duas coroas na figura de um mesmo rei. Por fim, usamos como base a obra<sup>4</sup> do autor José Antônio Gonçalves de Mello para entender como se dava a produção de açúcar no nordeste brasileiro durante as primeiras décadas do século XVII. Esse autor também faz referências a outras formas de riqueza extraída da terra, como por exemplo, óleo de baleia e pau brasil.

Johannes Gregor Aldenburgk, soldado bávaro, viajou para Amsterdã buscando ser empregado pela frota holandesa que estava sendo formada pela Companhia das Índias Ocidentais, em 1623. O objetivo da Companhia era garantir o monopólio da produção de açúcar de um dos principais centros de produção das Américas, que se encontrava no nordeste brasileiro. Antes de chegar às terras brasileiras, Aldenburgk fez detalhados relatos de sua viagem marítima pelo Oceano Atlântico, além de mencionar como foi sua vivência na esquadra neerlandesa e quais foram os recursos naturais encontrados em sua jornada<sup>5</sup> até o momento. Aldenburgk permaneceu, junto à expedição neerlandesa, na Ilha de São Vicente com o objetivo de esperar o restante da esquadra que havia sido designada para a missão<sup>6</sup> no Brasil. O cronista aborda, detalhadamente, a série de conquistas holandesas<sup>7</sup> que irão se iniciar de forma progressiva após o início da invasão de Salvador, em 1623, e que acabaram por minar a frágil resistência portuguesa na região. Aldenburgk pontua, em seus relatos, a constante tentativa dos oficiais neerlandeses em usar a diplomacia durante o processo de conflitos, levantando a possível questão dos holandeses estarem preocupados em manter uma relação positiva com a população local<sup>8</sup>. Após a resistência colonial ter sido derrotada, Aldenburgk inicia a terceira parte de sua obra, onde relata o período de domínio holandês na cidade de Salvador, que durou cerca de um ano antes de serem expulsos por tropas espanholas e portuguesas, além da resistência regional<sup>9</sup>.

O terceiro cronista que estamos estudando, Gabriel Soares de Souza, português, saindo de Portugal em meados de 1565, veio para a Bahia e se tornou um agricultor colonial. Teve a maior estadia dentre todos os cronistas mencionados, pois viveu na Bahia cerca de dezessete anos, a ponto de ter enriquecido e se tornado senhor de um engenho de açúcar durante a sua presença no nordeste brasileiro. Esse cronista, autor da obra intitulada "Tratado descritivo do Brasil", fez uma extensa descrição da sua vida na colônia portuguesa do Brasil, relatando costumes, práticas comerciais e riquezas naturais encontradas na região<sup>10</sup> onde se fixou além de fazer menção a possíveis descaminhos por parte de personagens encontrados por ele ao longo de sua permanência. É válido ressaltar que esse cronista, diferentes dos outros dois, acabou por conquistar um título político enquanto esteve na Bahia, pois se tornou vereador da Câmara de Salvador. Os pontos relevantes da pesquisa residem nos diversos relatos de Aldenburgk, Laval e Souza. O primeiro deles é o fato de que todos os cronistas produziram relatos detalhados acerca das riquezas naturais e das relações políticas e sociais existentes na Bahia de Todos os Santos, em três diferentes momentos da história colonial brasileira: 1565-1584 (Souza) 1601-1611 (Laval) e 1623-1624 (Aldenburgk). Algumas dessas relações podem nos levar a detectar indícios de descaminhos de recursos naturais, tanto por parte da população local, quanto por parte de estrangeiros que se fixaram na Bahia de Todos os Santos. Além disso, existem diversos relatos por parte dos autores que, contrastados com a historiografia<sup>11</sup>, nos possibilitarão compreender as intrincadas redes culturais, políticas e sociais que envolveram as pessoas da colônia durante os períodos retratados. Um último ponto de relevância está nas próprias narrativas dos cronistas, pois através dela podemos observar como os fatos históricos transcorreram a partir de diferentes filtros sociais e culturais existentes em diferentes momentos da história.

<sup>1</sup> O Império Marítimo Holandês.

<sup>2</sup> Boxer afirma que as razões para esse conflito eram de caráter econômico, pois os Países Baixos haviam perdido acesso ao refino da cana de açúcar portuguesa, além de ter perdido boa parte dos parceiros comerciais no oriente, graças a oposição que Portugal começa a fazer após a União Ibérica com a Espanha.

<sup>3</sup> Elliot, em sua obra "A Espanha Imperial", afirma que havia fortes interesses portugueses em conseguir produzir o açúcar sem o intermédio holandês. O autor menciona também que os interesses holandeses nas possessões portuguesas no Oriente já existiam antes da União Ibérica ter sido firmada em 1580.

<sup>4</sup> "A Economia Açucareira"

<sup>5</sup> Recursos como madeira, especiarias e lã. A ilha a que nos referimos é São Vicente, que se encontra no Oceano Atlântico.

## 13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

<sup>6</sup> Missão de conquista liderada pelo Almirante Jacob Willekens, e que tinha como objetivo tomar o controle da cidade de Salvador.

<sup>7</sup> Para entender a progressiva vitória holandesa em Salvador durante a invasão em 1623, buscamos a obra *"O Império Marítimo Português"*, escrita pelo autor Charles Boxer e que conclui que as principais razões para a derrota portuguesa na capital de sua colônia no Brasil eram: a falta de uma defesa organizada e o número reduzido da população local, que consistia principalmente em índios, escravos e colonos portugueses.

<sup>8</sup> Charles Boxer afirma, em *"O Império Marítimo Holandês"*, que uma das razões dos holandeses conseguirem manter uma sólida estrutura de conquista em solo estrangeiro era, em um primeiro momento, estabelecer boas relações com a população local após a dominação ser efetivada.

<sup>9</sup> John Elliot menciona o fato de que foi necessária a organização de uma armada por parte da União Ibérica para conseguir expulsar os holandeses de Salvador. O autor trabalha também a importância da resistência local para que a expulsão dos holandeses fosse efetiva.

<sup>10</sup> Pau Brasil, metais preciosos e cana de açúcar, principalmente.

<sup>11</sup> MELLO, José Antônio Gonçalves de, em *"A Economia Açucareira"*, MELLO, Evaldo Cabral de, em *"O Negócio do Brasil: Portugal, os Países Baixos e o Nordeste, 1641-1669"* e *"O Brasil Holandês"* e BOXER, Charles, em *"O Império Marítimo Holandês"*.

### OBJETIVO

- Localizar e transcrever das narrativas dos cronistas Gabriel Soares de Souza, François Pyrard de Laval e Johannes Gregorius Aldenburgk os recursos naturais considerados rentáveis no período que vai desde 1570 até 1624.
- Levantar a historiografia pertinente aos períodos em que os cronistas estiveram no Brasil.
- Mapear e transcrever da documentação da Capitania da Bahia de Todos os Santos (Projeto Resgate) fatos importantes para a compreensão da exploração dos recursos naturais no período filipino.
- Identificar e transcrever os possíveis indícios de descaminho das riquezas naturais da colônia indicados pelos cronistas.

### METODOLOGIA

Terminada a leitura das crônicas de Laval e Aldenburgk, daremos continuidade ao nosso projeto com Gabriel Soares de Souza, usando seus relatos como fonte para identificação de possíveis referências à recursos naturais explorados e arrolados pelos autores, além da exploração dessas riquezas na Capitania da Bahia de Todos os Santos. Após a relação desses recursos, recorreremos à documentação encontrada na Biblioteca Nacional, no IHGB e no Arquivo da Cidade de Salvador e em arquivos virtuais, como a Biblioteca Virtual da Universidade de Brasília e a Harvard University Virtual Library, visando desenvolver diálogo entre as crônicas e outros documentos dos períodos estudados. Este mapeamento será feito, principalmente, a partir do Catálogo de Documentos Avulsos do Projeto Resgate relativos à Bahia e que se encontra na Biblioteca Nacional, referentes àquela capitania como também da consulta às correspondências entre os governadores, entre funcionários graduados, nas cartas régias, nas consultas e nos pareceres do Conselho Ultramarino, nas leis, nas provisões, nos alvarás, etc, pertinentes aos três períodos de visita dos cronistas: as últimas décadas do século XVI, os anos iniciais do século XVII e, posteriormente, as invasões holandesas em Salvador, em meados da década de 1620. Nosso objetivo aqui é tencionar as informações contidas nas crônicas a partir do contraste com outros documentos relativos ao período de presença dos autores, a fim de respondermos as questões levantadas durante a leitura de suas obras. Após mapearmos a documentação, a pesquisa prosseguirá na procura de referências sobre as riquezas naturais da terra, o comércio ultramarino e sinais dos descaminhos por meio das denúncias encontradas na documentação e de uma leitura historiográfica sobre o período, para que possamos fundamentar as questões propostas.

### RESULTADOS

De posse dessas referências que poderão nos trazer indícios de descaminhos das riquezas, passaremos a confrontar a documentação com a historiografia que embasa os períodos estudados. Neste sentido, nossa pesquisa tem uma continuidade no que diz respeito a sua questão principal, ou seja, a questão da exploração dos recursos naturais e os descaminhos dessas riquezas. Entretanto, estamos dando maior profundidade, pois estamos buscando novas fontes documentais a partir de leitura de um novo cronista. Além da busca por documentos relativos ao período, estamos nos apoiando na literatura historiográfica de autores como: José Antônio Gonçalves de Mello, em *"A Economia Açucareira"* e Evaldo Cabral de Mello, em *"O Negócio do Brasil: Portugal, os Países Baixos e o Nordeste, 1641-1669"* e *"O Brasil Holandês"*, que vão nos fornecer informações estatísticas e fontes documentais sobre a produção de cana de açúcar no nordeste brasileiro durante o período colonial. Charles Boxer, em *"O Império Marítimo Holandês"* que aborda o papel da Holanda no processo histórico colonial brasileiro, além de relatar as razões para a invasão do nordeste durante o século XVII. J. H Elliot em *"A Espanha Imperial"* e *"O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo durante o reinado de Filipe II"*, de Fernand Braudel, que abordam questões políticas, econômicas e militares vinculadas a União Ibérica e, por fim, Carlo Ginzburg, autor de *"Queijos e Vermes"*, que nos fornece a visão de como trabalhar com grupos sociais específicos<sup>12</sup> e como devemos entender seus relatos a partir dos filtros culturais e sociais existentes em seu período.

### CONCLUSÃO

Até o momento, foram lidas e transcritas as obras dos cronistas François Pyrard de Laval e Johannes Gregor Aldenburgk e estamos no processo de leitura da obra de Gabriel Soares de Souza. Além disso, identificamos referências aos recursos naturais<sup>13</sup> e aos possíveis descaminhos presentes na cidade de Salvador nos períodos de 1565-1584, 1610-1611 e 1623-1624. Através das obras de diferentes autores que tratam sobre os períodos em questão, já iniciamos a construção do contexto histórico que permeia a estadia de todos os três cronistas, começando na década de 1560 e chegando até 1624.



## **13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

<sup>12</sup> Em nosso caso, cronistas.

<sup>13</sup> Óleo de baleia, cana de açúcar e pau brasil.

### **REFERÊNCIAS**

MELLO, José Antônio Gonçalves de, "A Economia Açucareira". Recife. SPHAN- Fundação Pró Memória. 1981.

MELLO, Evaldo Cabral de, em "O Negócio do Brasil: Portugal, os Países Baixos e o Nordeste, 1641-1669". Rio de Janeiro. Editora Topbooks, 1998.

"O Brasil Holandês". Rio de Janeiro. Editora Penguin & Companhia das Letras. 2010.

BOXER, Charles, "O Império Marítimo Holandês". Rio de Janeiro. Eldorado, 1984.

MOUSNIER, Roland. Os Séculos XVI e XVII. São Paulo: Eldorado, 1957.

TREVOR-ROPER, Hugh. R. A Crise Geral do século XVII. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

ELLIOT, J.H. Imperial Spain: 1469-1716. New York: Penguin Books, 2002.